

**PRE-FERIR NÃO É ESCOLHER**

*1/10/1999 Benjamin Mandelbaum*

A vida implica necessariamente em escolha e exclusão, como nos ensinou Canguilhem. As determinações dos referidos critérios vão dos genéticos aos ambientais. A dinâmica vitalista tem leis que a determina, tal como a homeostasia. Mesmo existindo genotipicamente instintos, impulsos ou comportamentos inatos, estes são sempre pró-vida e que em última instância na interação ambiental é que vão constituir o fenótipo das aparências e comportamentos.

A escolha vital também será a base do livre arbítrio humano, pois esta livre escolha não prescinde da sua base orgânica. É apenas dentro da humanização que podemos falar estritamente de liberdade e de arbítrio. Sabemos do dom e da condenação paradoxal que nos representa a liberdade e a consciência. É preciso considerar necessariamente que a própria vida humana amplia o seu sentido, significado e existência. O homem ao conviver com a consciência da morte acaba indo para além dela em seus vários caminhos espirituais.

A cultura sendo constitutiva da espécie humana faz com que a escolha seja bastante complexa na interação do homem com seu ambiente sócio-cultural. São múltiplas as possibilidades a se escolher e vários os nossos critérios de julgamento, exigindo-nos uma atualização permanente para que realmente possamos ter liberdade de escolha. Quando trazemos um juízo ou conceito anterior para uma nova situação criamos um pré-juízo, com prejuízo ao novo que é da vida, da mesma forma com os conceitos criando pré-conceitos. A mídia manipula ideologicamente as opiniões de escolha.

Desde nossa infância que queremos ser escolhidos como objeto de amor de quem amamos. É grande a dor de ser excluído, às vezes insuportável. Na tentativa funesta de a evitarmos caímos no perigoso jogo da pre-ferência. Este mecanismo é próprio da perversão que quer negar a exclusão como fenómeno da vida, não aceitando esta castração humanizadora que fere o nosso onipotente narcisismo primário.

Este jogo, tipicamente familiar e institucional, joga-se com as carências. Assim, ao invés de se escolher em função da multi-diversidade que é a dinâmica da vida humana, busca-se pré-conceituar, pré-julgar, pré-ferir. Escolher é um processo energético trabalhoso, mas vital.

Na ilusória tentativa de não ferir chega-se a pré-ferir. Como no exemplo em que uma mãe, ou pai, diz secretamente para um(a) filho(a) que é o(a) preferido(a), mas que não pode dizer aos outros para não feri-los, entretanto, ardilosamente repete a mesma coisa para os demais, iludindo a todos, instigando a rivalidade e a competição fraternal. Tal tática de manipulação de poder é amiúde encontrada perfidamente nas várias instituições humanas.

Pré-ferir é pré-escolher encolher ao invés de crescer.